

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

JUDITH BUTLER E B. F. SKINNER: POSSIBILIDADES E LIMITES DE UM DIÁLOGO

Diogo Sussumu Okasawara (Programa de Iniciação Científica, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: sussumulg2@gmail.com

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Cultura. Self. Anti-fundacionalismo.

A partir do ano de 1960, a noção de identidade tem adquirido destaque crescente nos diálogos políticos e acadêmicos. Com a proliferação dos movimentos sociais, a reivindicação de direitos civis e a luta contra a violência direcionada a grupos específicos toma conta das ruas e da academia. Visando a amplificação de seu alcance, os sujeitos que compõem tais movimentos recuperam teorias tradicionais sobre a condição humana, denunciam suas consequências sociais, e dão novas interpretações para os conceitos tradicionais de *identidade* e de *personalidade* (HALL, 2004).

Dentre esses movimentos, o feminismo adquire certo destaque por conta de seu grande impacto social. Mesmo sob a ameaça de censura e agressão física, mulheres ocuparam as ruas em busca de uma vida melhor. Apesar do esforço conjunto, o movimento feminista não era monolítico. Eventualmente, as diferenças entre as mulheres em luta resultaram em rupturas e desarranjos no movimento e na teoria feminista. Posteriormente, tais descompassos possibilitaram um cenário crítico, no qual os interesses específicos de diferentes mulheres tornavam-se objetos de um estudo sistemático. Na academia, com o objetivo de compreender melhor a condição da mulher, muitas teóricas feministas se aliaram à psicanálise e ao marxismo (KROLOKKE; SORENSEN, 2006).

A partir do ano de 1990, o alcance das teorizações feministas expandiu-se significativamente, múltiplas perspectivas distintas a respeito de temas semelhantes marcam presença na literatura da área. Nesse contexto, surgem vertentes teóricas que questionam as limitações das teses do feminismo tradicional. Na companhia de autoras e autores como Eve Sedwick e Gayle Rubin, as ideias de Judith Butler ganham visibilidade, e instigam novas formas de se pensar a *identidade* em um cenário de conflitos éticos e políticos (KROLOKKE;

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

SORENSEN, 2006). Inspirada por autores pós-estruturalistas, Butler tece seu pensamento em busca de concepções filosóficas que possibilitem movimentações políticas menos segregatórias. Tal objetivo leva a autora a produzir uma teoria complexa e transdisciplinar, que propõe perspectivas diferentes sobre a relação entre sujeito e cultura (BUTLER, 1999).

O comportamentalismo radical, discurso filosófico que orienta a análise do comportamento, trata de assuntos semelhantes. Assim como Butler, Skinner (1971, 1974) direciona uma parte considerável de seus esforços para uma caracterização dos processos responsáveis pela construção da *identidade*. Entretanto, possivelmente por conta da afinidade histórica entre o feminismo e a teoria psicanalítica, as possibilidades de um diálogo entre as ideias de Butler e Skinner ainda não foram exploradas.

Considerando esses aspectos, o objetivo desta pesquisa foi investigar eventuais aproximações e distanciamentos entre Butler e Skinner, com respeito ao conceito de *identidade*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três partes. Na primeira etapa, o livro *Gender Trouble* foi analisado na condição de referência para o posicionamento de Butler. O método de análise conceitual-estrutural de texto (LOPES; LAURENTI, 2010) foi o principal recurso empregado para a caracterização das teses da autora sobre a noção de *identidade*. Durante a segunda etapa, foi feita uma busca pelas palavras-chave *identity*, *personality* e *self* nos livros de Skinner. A partir dessa procura, foram elaboradas tabelas, que compilaram os principais trechos em que o autor se posiciona a respeito desses conceitos. Por fim, a terceira etapa consistiu em uma comparação entre as principais teses de ambos os autores, e a elaboração de um intertexto indicando aproximações e distanciamentos entre seus posicionamentos a respeito do conceito de identidade.

As considerações de Butler sobre a noção de identidade compõe uma crítica a acepções *fundacionalistas* do termo. Ou seja, concepções teóricas que assumem que toda forma de conhecimento se respalda em fundamentos últimos, que continuam absolutamente idênticos a despeito do passar do tempo (FERRATER MORA, 2005). De uma perspectiva política, segundo a autora, teorias que situam a identidade em fundamentos absolutos tendem a promover relações de segregação e de violência, além de impossibilitar organizações políticas que visem superá-las. Explicitando as raízes históricas e culturais do pensamento *fundacionalista*, Butler convida teorias filosóficas, antropológicas e psicológicas tradicionais para sua discussão. Nesse movimento, as consequências sociais das obras de Freud, Lévi-Strauss, Lacan e Descartes são destacadas e criticadas pela autora. E, como grande parte da

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

literatura feminista orientou suas discussões a partir dessas teses, ideias de autoras do feminismo tradicional se tornam alvo de uma reelaboração sistemática em seu texto (BUTLER, 1999).

Conforme desenvolve seu posicionamento, a autora argumenta como algumas concepções de *self*, *gênero* e *sexo* promovem o fundacionalismo em diferentes áreas do saber. Na psicologia, o *self* é utilizado para retratar uma substância – insensível a mudanças ambientais – que se expressa na identidade. Já na biologia, o *sexo* compõe uma essência binária, que é reconhecida à medida que causa a identidade feminina ou masculina. Criticando tais noções, a Butler (1999) afirma:

O deslocamento da origem política e discursiva da identidade de gênero para um “núcleo” psicológico impossibilita uma análise da constituição política do sujeito generificado e das noções fabricadas sobre a inefável interioridade de seu sexo ou da sua identidade verdadeira. (p. 173)

Os conceitos de *sexo* e *self*, portanto, são compreendidos pela autora como discursos produzidos culturalmente, que têm como consequência, na sua versão fundacionista, o afastamento das relações políticas que afetam a organização do sujeito (BUTLER, 1999).

De modo semelhante, o *gênero*, na teoria feminista, ora remete a um núcleo causal para a feminilidade; ora simboliza uma estrutura cultural universal, responsável por uma regularização infalível da identidade. Concepções que, para Butler, podem ser contestadas por uma ou mais posições excluídas por esses termos (BUTLER, 1999).

Como alternativa, a autora propõe a noção de *performatividade*. Em suas palavras:

[...] atos, gestos, atuações, geralmente construídos, são *performativos* no sentido de que a essência ou identidade que outrora foram ditos expressar são *fabricações* produzidas e sustentadas por meio de símbolos corporais e outros meios discursivos. (BUTLER, 1999, p. 173, grifos da autora)

Uma concepção *performativa* de identidade compreende que o *sexo*, o *gênero* e o *self* de um sujeito são produzidos em uma relação de intercâmbio com o meio social. Consequentemente, o sujeito não é absolutamente responsável pela produção da cultura, e nem a cultura absolutamente responsável pela produção do sujeito. Ambos se constituem constantemente à medida que se relacionam. Butler defende que essa concepção possivelmente cria condições para relações sociais menos segregatórias e violentas (BUTLER, 1999).

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
18 a 19 de Fevereiro de 2016

Skinner (1971) também critica o fundacionalismo e provê concepções alternativas para as noções de *identidade* e *cultura*. Ao discutir a noção de *self*, por exemplo, o autor afirma:

O *self* é comumente utilizado como uma causa hipotética da ação. Enquanto as variáveis externas forem ignoradas ou passem despercebidas, suas funções são atribuídas a um agente originador situado no organismo. Se nós não conseguimos mostrar o que é responsável pelo comportamento de um indivíduo, nós dizemos que ele mesmo é responsável pela sua produção. (SKINNER, 1953, p. 283)

Nessas condições, a identidade não pode ser explicada como expressão de uma essência interna ao indivíduo. Conforme Skinner (1953) sugere, a tese tradicional a que a noção de *self* remete, além de oferecer uma explicação momentânea, é “[...] comumente utilizada para colocar o assunto para além de pesquisas futuras e para trazer o estudo de uma série causal de eventos para um beco sem saída.” (SKINNER, 1961, p. 187).

A alternativa adotada pelo autor, entretanto, não consiste em um abandono do termo, mas em sua ressignificação¹. “A identidade conferida ao *self* emerge das contingências responsáveis pelo comportamento” (SKINNER, 1971, p. 194). O *self*, portanto, deixa de ser o que explica o comportamento e se torna um comportamento a ser explicado. É nessa perspectiva que a relação com o ambiente substitui o papel de um determinante interno na explicação do comportamento (SKINNER, 1953, 1971, 1974).

Cabe ressaltar, entretanto, que o autor não efetua uma mera troca de um *self* por um ambiente determinante na produção da identidade. Para Skinner (1957) “Homens agem sobre o mundo, modificam-no, e são por sua vez modificados pelas consequências de suas ações” (p. 1). As condições ambientais afetam e são afetadas pelas ações humanas. A própria *cultura*, conforme Skinner (1974) sugere, “Não é algo monolítico, e nós não temos razões para explica-lá apelando para uma mente grupal, uma ideia ou uma vontade” (p. 223). Os elementos comuns às culturas diferentes devem ser explicados pelas condições ambientais às quais um grupo de indivíduos está inserido. A identidade, conseqüentemente, é construída conforme o indivíduo interage e modifica o meio em que vive (cf. SKINNER, 1974, p. 30).

Skinner e Butler discutem a noção de identidade à luz de uma revisão crítica das teses tradicionais que circundam esse conceito e, em suas considerações, distanciam-se do fundacionalismo à medida que é recusado em explicações sobre a identidade e a cultura. O

¹ Embora os conceitos de *identidade*, *personalidade* e *self* às vezes apareçam com significados específicos, Skinner (1953, 1971, 1974), de modo geral, os utiliza de modo indiscriminado para se referir a teses semelhantes. Por conseguinte, as asserções feitas aqui sobre a noção de identidade foram articuladas levando em consideração os usos dos termos *personalidade* e *self* empregados pelo autor.

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

anti-fundacionalismo, portanto, é palavra-chave quando se trata de uma leitura comparativa entre os dois autores. E, por tecerem suas considerações por motivações distintas em bases filosóficas semelhantes, é possível que suas posições se complementem em alguns pontos. As discussões produzidas por Butler sobre as noções de *sexo* e *gênero*, por exemplo, talvez possam auxiliar o comportamentalismo em discussões sobre movimentos políticos contemporâneos. Já as teses de Skinner talvez sejam capazes de complementar problemáticas pouco exploradas pela autora. O conceito de repetição, subjacente à noção de performatividade, por exemplo, talvez encontre respaldo no modelo de seleção pelas consequências.

Por fim, cabe ressaltar que, apesar das possibilidades demonstradas, ainda existem pontos a serem explorados na relação entre ambos os autores. Por se restringir ao conceito de identidade e a uma obra específica de Butler, o escopo de um diálogo entre os autores ainda pode ser expandido por pesquisas futuras na área.

Referências

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge. 1999.

LAURENTI, C; LOPES, C. E. **Método de análise conceitual-estrutural**. Maringá: UEM/DPI, 2010. 3 p. [Texto não publicado, elaborado para fins didáticos].

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Random House, 1974.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Australia: Penguin Books Ltd, 1971.

SKINNER, B. F. **Cumulative record**. New York: Appleton-Century Company, 1961.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century Company, 1957.

HALL, S. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KROLOKKE, C.; SORENSEN A. S. Three waves of feminism: from suffragettes to grrls. In: _____. **Gender communication theories & analyses: from silence to performance**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. 2006. p. 1-25.